

OS EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS DE RETÓRICA: FORMAS BÁSICAS DE ARGUMENTAÇÃO E EXPRESSÃO LITERÁRIA

MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR
Centro de Estudos Clássicos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Os antigos tinham a percepção clara de que ler e pensar criticamente, bem como escrever e falar com clareza e rigor, é obra que leva anos a construir. Desenvolveram, por isso, um sistema de aprendizagem teórica e prática que despertava nos alunos um número convergente de competências na arte da comunicação oral e escrita. Entendiam os cultores das artes retórica e literária que os grandes oradores e escritores se fazem em resultado de uma dedicação constante ao estudo e ao exercício prático, pois tinham a nítida consciência de que não lhes bastava nascer com esse dom ou aptidão natural. A cultura regular da expressão oral e escrita era para eles tão importante que figuras como Cícero afirmaram realizar exercícios retóricos todos os dias, e ao longo da vida inteira¹.

Foi tão fortemente sentida a necessidade de se cultivar um sistema de exercícios elementares de retórica nos currículos das escolas preparatórias do século V, que Nicolau de Mira fez deles depender o pleno domínio do código retórico e a eficácia da sua utilização, vivamente acentuando a importância da longa tradição progimasmática. Esses exercícios habilitavam o aluno a desenvolver as suas competências oratórias e literárias pelo estudo exaustivo de cada uma das partes da arte retórica; e, conseqüentemente, pelo exercício das diversas espécies de prova, bem como das respectivas linhas estratégicas de narração e argumentação, tornando fácil na prática o que à partida se afigurava tão difícil. À medida que os exercícios retóricos eram exaustivamente apreendidos e praticados, os benefícios da retórica iam-se tornando mais óbvios e claros pelo simples facto de se investir até à perfeição em cada uma das suas partes individualmente². O resultado que se tinha por norma em vista era a arte de escrever e falar com clareza, correcção, coerência e eficácia na percepção daquilo a que os retóricos antigos chamavam *kairos*³. O que se pretendia com estes exercícios era despertar nos alunos competências intelectuais e estrutura mental que os estimulassem a ler, escrever, falar, ouvir e pensar criticamente;

¹ *Brutus* 310. Cf. *De oratore* 2.35.

² Cf. Nicolau, o Sofista, “The Preliminary Exercises”, p. 129.

³ “Which is not merely understanding the occasion for writing but the dynamic context existing of purpose, occasion and audience” (Church, “Progymnasmata...”, p. 6).

numa palavra, a usar o raciocínio lógico para a solução dos problemas que o dia a dia lhes ia colocando tanto na vida pública como privada.

Não se sabe ao certo quando os professores de retórica começaram a incluir exercícios formais nos seus programas de instrução. Mas dá para entender que a imitação do exemplo de pessoas boas numa determinada arte foi sempre usada como meio de aprendizagem, e que os primeiros sofistas os foram progressivamente utilizando nos seus programas de ensino⁴. Os exercícios retóricos não são, pois, o produto teórico de uma mente original iluminada. São os que os padrões da oralidade e da escrita proporcionaram aos alunos como exemplos paradigmáticos tanto para a arte como para a vida, e foi todo um processo de imitação que juntamente concorreu para a maturação e diversificação inventiva das suas competências⁵. Desde a instrução mais elementar com exercícios de recitação, tradução, paráfrase e comentário, ou a menos elementar com exercícios de amplificação narrativa, elaboração temática e argumentação persuasiva, até à crítica científica, retórica e literária que se materializa no ensaio académico ou no discurso oratório consumado, conta-se um número elevado de outros exercícios, mas pouco mais de quinze se impuseram ao cânon dos *progymnasmata*⁶.

Estes exercícios elementares foram sistematicamente praticados nas escolas da antiguidade greco-romana, sobretudo na época da Roma imperial, e determinaram o rumo da educação retórica e literária na Europa até ao Renascimento. Como justamente observa Kennedy, “os estudantes de literatura clássica, medieval e moderna, e os de história da educação precisam de conhecer o sistema de ensino de composição em prosa e retórica elementar praticado nas escolas europeias desde o período helenístico até aos primeiros tempos da época moderna”⁷. A sua popularidade ao longo de tanto tempo deve-se ao rigor lógico e sequencial da sua concepção e apresentação: começam com simples paráfrases e

⁴ Quintiliano, *Institutio oratoria* 10.2.1.

⁵ “The rhetorical exercises that imitated or elaborated on the work of well known authors had the double effect of acquainting students with the best products of their culture at the same time as they increased their stock of available arguments” (Crowley, *Contemporary...*, p. 247).

⁶ As expressões Latinas que traduzem este termo grego são *primae exercitationes* e *praexercitamina*, e bem podem traduzir-se por “exercícios preliminares”, “elementares” ou “preparatórios” de retórica. A primeira menção do termo *progymnasmata* é feita na *Retórica a Alexandre*, obra de Anaxímenes de Lâmpsaco contemporânea da *Retórica* de Aristóteles, século IV a.C: “Nós estudámos as propriedades comuns a todas as espécies de discurso, as suas diferenças e usos; se nos treinarmos e exercitarmos na sua apropriação pela prática dos exercícios preparatórios, teremos uma grande facilidade tanto no uso da palavra oral como escrita” (1436 a 23-27).

⁷ Kennedy (tr.), *Progymnasmata: Greek Textbooks...*, p. ix.

terminam com os exercícios mais sofisticados da arte retórica. Eram *preliminares* ou *preparatórios* no sentido de proporcionarem os fundamentos para a compreensão e articulação de tudo o que respeita aos géneros tradicionais da retórica (forense, deliberativa e demonstrativa), às partes do discurso oratório (invenção, disposição, estilo, memória e pronúncia), às estruturas de narração e argumentação, e à teoria do estilo e da composição.

Cultivados e desenvolvidos nos domínios da retórica filosófica e literária⁸, os exercícios que integravam o sistema propedêutico de educação retórica eram interdependentes e progressivos; todos eles supervisionados pelos sofistas ou professores de retórica numa primeira fase e, mais tarde, instruídos os mais simples pelos professores de gramática⁹. Estes exercícios de dificuldade e complexidade crescentes visavam, pois, desenvolver nos alunos competências de oralidade e escrita na arte da articulação das ideias e da comunicação: numa primeira fase, pela tradução, paráfrase e imitação da obra dos melhores autores; numa segunda fase, pela elaboração de fábulas, narrações, crias, provérbios, comparações, descrições e caracterizações; numa terceira fase, pela composição de linhas de argumentação mais complexas como refutações, confirmações, lugares comuns, encómios e invectivas; e, numa última fase, pela composição elaborada de exercícios de retórica deliberativa e forense, como teses, introdução de leis e o próprio discurso oratório na sua totalidade.

OS EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS NA EDUCAÇÃO RETÓRICA

A doutrina proposta nestes exercícios tinha as suas raízes numa tradição tão antiga como a da própria retórica, mas só a partir do início do século I a.C. se apresentou definida e consolidada como um domínio específico e com um campo preciso de aplicação. Como

⁸ Repare-se que Cícero, o maior orador romano, sublinhou o facto de praticar exercícios retóricos todos os dias enquanto estudava filosofia, e continuou a compô-los ao longo da vida (*Brutus* 310), mesmo depois de haver atingido toda a glória que lhe é reconhecida. Os antigos acreditavam que a prática regular dos princípios desta arte asseguravam ao escritor e ao orador um maior grau de facilidade e competência no uso das estratégias e do conhecimento que possuíam (Quintiliano, *Institutio oratória* 10.1.1; 10.7.8).

⁹ Os exercícios elementares de retórica situavam-se a meio caminho entre a instrução proporcionada pelas escolas de gramática (estudos de língua e literatura) e a proporcionada pelas escolas de retórica. Os estudos básicos de língua, literatura e composição faziam-se nas escolas do *grammaticus*. Os estudos mais avançados de oratória e escrita literária faziam-se nas escolas do *rhetor*. Com o tempo, porém, nas escolas romanas, os exercícios mais elementares de retórica foram sendo confiados ao gramático, deixando-se apenas os mais complexos para o retórico; fenómeno que Quintiliano comenta, mas não com inteira satisfação (*Institutio oratória* 2.1).

atrás referi em nota, ela ocupava-se da formação literária dos adolescentes na transição da escola do gramático para a do retórico ou sofista, mas tinha por objectivo último a sua formação para uma cultura integral de cidadania, sendo difícil exagerar o valor e o interesse destes exercícios, por eles suporem o encontro de uma formação tanto ética como literária. Se, como o seu nome sugere, eles se destinavam a preceder e preparar o estudo da retórica propriamente dita, as composições deles resultantes tanto poderiam conduzir à elaboração consumada do discurso oratório, como à expressão literária do sublime pelo recurso a uma não menos inspirada e inventiva criação mimética.

Os *Progymnasmata* enquadravam-se, pois, numa longa e rica tradição retórica de manuais para professores e alunos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem e no exercício da prática oratória. Eram manuais estruturados de uma forma diferente dos tradicionais tratados de retórica para melhor se adequarem à intenção didáctico-pedagógica dos professores nos seus cursos de iniciação à retórica. O tratado de Téon de Alexandria pode não ter sido o primeiro escrito, mas é o mais antigo dos poucos que nos restam, e também o mais longo. Terá sido escrito na segunda metade do primeiro século d.C. pelo sofista e educador alexandrino Élio Téon.¹⁰ Na introdução aos seus *Progymnasmata*, Téon critica os que pretendem estudar retórica sem uma formação propedêutica de base, e recomenda aqueles exercícios como úteis e necessários a todas as espécies de composição: não só retórica, acrescenta, mas também histórica, dialógica e poética¹¹. Segundo ele, o estudo destes exercícios deverá incluir: leitura em voz alta, audição, paráfrase de modelos, prática de esquemas de argumentação e composição original. Recomenda também que os exercícios sejam estudados um a um, pela seguinte ordem¹²: primeiramente, cria, fábula, narração, descrição, prosopopeia, encómio e comparação; depois, refutação e confirmação, incluindo a refutação de uma cria, uma fábula ou uma narração; e por fim, a argumentação ou refutação de uma tese e uma lei. O que é curioso é que, no desenvolvimento do texto que nos chegou, Téon segue a mesma ordem que encontramos nos seus sucessores, colocando o exercício da cria em terceiro lugar¹³.

¹⁰ Semelhanças com o registo quintileâneo dos exercícios tendem a confirmar esta data.

¹¹ A prosopopeia, por exemplo, como vários outros exercícios, é, “não só próprio da história, mas também da oratória, do diálogo e da poesia” (Téon, *Rhetores graeci II...* (Spengel) 1.44-52). Cf. Quintiliano, *Institutio oratoria* 3.8.49.

¹² Téon, *Rhetores graeci II...* (Spengel), 1.59-65.

¹³ O plano da sua obra é o seguinte: Prefácio, Sobre a Educação do Jovem. Sobre a Cria, Sobre a Fábula, Sobre a Narração, Sobre o lugar comum, Sobre a Descrição, Sobre a Prosopopeia, Sobre o encómio e a

Os *Progymnasmata* incluídos no *corpus* hermogeniano¹⁴ constam de treze exercícios, sendo os mais breves e os menos exaustivamente ilustrados. A máxima, que em Téon se apresenta como variante da cria, recebe aqui um tratamento autónomo. O mesmo se passa com a refutação e a confirmação. À prosopopeia dá Pseudo-Hermógenes o nome de etopeia e não discute a invectiva¹⁵.

Muito semelhante ao de Hermógenes, mas mais desenvolvido e com exemplos paradigmáticos para cada um dos exercícios, é o tratado de Aftónio de Antioquia, discípulo de Libânio, no século IV. Com tal clareza e simplicidade define, classifica e ilustra os seus catorze exercícios (os mesmos treze de Hermógenes, com a reintrodução do *ψόγος*, ou invectiva), que a autoridade da sua obra se veio a impor nas escolas ocidentais por mais de um milénio. Contemplada na sua totalidade, a obra de Aftónio distingue-se pelas seguintes características: atenção rigorosa dada à definição e à divisão, reconhecimento e afirmação da singular importância da etimologia e da inequívoca relação entre os exercícios preparatórios e as categorias de estilo¹⁶.

Invectiva, Sobre a Comparação, Sobre a Tese, Sobre a Lei, Sobre a Leitura, Sobre o Ouvir, Sobre a Paráfrase, Sobre a Elaboração, Sobre a Contradição. Estes últimos cinco exercícios foram recuperados a partir de uma versão em arménio, uma vez que os manuscritos gregos não os contém (Cf. Patillon, *Aelius Theon...*).

¹⁴ Como resultado da sua breve e fulgurante carreira escolar, Hermógenes¹⁴ afirmou-se sobretudo como sistematizador da tradição retórica grega. Do seu *corpus*, fazem parte os seguintes tratados: *Sobre os estados de causa*, *Sobre as formas de estilo*, *Sobre o método*, *Sobre a invenção*, e *Exercícios Preparatórios*, mas os dois últimos não parecem ter sido da sua autoria. Rabe, por exemplo, expõe em síntese os argumentos a favor e contra a autoria de Hermógenes nos termos que a seguir referimos. Argumentos a favor: (1) Todos os manuscritos atribuem a obra a Hermógenes; (2) Os comentários de João de Sardes, João Doxapatres (sobre os *Progymnasmata* de Aftónio), e os três escólios sobre o *Peri staseōn*, todos referem Hermógenes como seu autor. Argumentos contra: (1) Um escólio sobre os *Peri staseōn* diz que alguns atribuem os *Progymnasmata* a Libânio (Codd. Paris 1983 e 2977 [=7.511, 3-4 Waltz]); (2) Dois Mss, tradução de Prisciano, têm uma *subscriptio* a designar como autor Hermógenes ou Libânio; (3) O facto de Siriano não incluir os *Progymnasmata* na sua lista das obras de Hermógenes; (4) A não existência de qualquer escólio sobre os *Progymnasmata*. Rabe e Radermacher põem-na em causa com argumentos baseados nas diferenças de estilo e conteúdo entre esta obra e as geralmente reconhecidas como genuínas (Rabe, *Hermogenis opera*, pp. vi-ix; L. Radermacher, "Hermogenes 22" *RE* 8, 1912, pp. 873-877). Radermacher e Kustas seguem as teses de rejeição de Rabe (ver: Radermacher, "Hermogenes", p. 877; Kustas, *Studies...*, pp. 19-20. Bonner, *Education...*, p. 378, n. 7). Kennedy não parece primeiramente valorizar as dúvidas de uma autoria hermogeniana, mas acaba por assumi-las em obra posterior (*Classical Rhetoric...*, p. 187-188; *Greek Rhetoric under...*, pp. 72-74). Outro tanto faz Patillon, ao distinguir um Hermógenes retor de um Hermógenes sofista e atribuir a este último os *Progymnasmata* (*La théorie...*, pp. 8-17).

¹⁵ Os *Exercícios Preparatórios* atribuídos a Hermógenes são: Sobre a Fábula, Sobre a Narração, Sobre a Cria, Sobre a Máxima, Sobre a Refutação a e Confirmação, Sobre o Lugar Comum, Sobre o Encómio, Sobre a Comparação, Sobre a Descrição, Sobre a etopeia (caracterização), Sobre a Tese, Sobre a Introdução de uma Lei.

¹⁶ Os *Exercícios Preparatórios* de Aftónio são: Sobre a Fábula, Sobre a Narração, Sobre a Cria, Sobre a Máxima, Sobre a Refutação, Sobre a Confirmação, Sobre o Lugar Comum, Sobre o Encómio, Sobre a Invetiva, Sobre a Comparação, Sobre a Etopeia, Sobre a Descrição, Sobre a Tese, Sobre a introdução de uma Lei

A obra de Nicolau de Mira¹⁷ é, mesmo assim, a que reflecte mais maturidade, não só pela sua explícita integração no quadro geral dos estudos retóricos, mas também pelo rigor da definição e classificação, e pela amplitude de descrição e exemplificação de cada um dos exercícios. Começa Nicolau por dizer que a sua obra é uma síntese consequente e harmonizada de tratados anteriores, e justifica a necessidade de se iniciar o processo de formação retórica pelo estudo e prática de exercícios introdutórios simples¹⁸. Sustenta ele que os *progymnasmata* introduzem o aluno à realização de várias funções: uns exercitam-no na retórica forense, outros na retórica política, outros ainda na retórica demonstrativa; uns ensinam-no a fazer proémios e epílogos, outros ensinam-no a fazer descrições, outros ainda a defender ou refutar teses. Na sua identificação dos exercícios com cada uma das partes do discurso, Nicolau mostra ainda a relação explícita da elaboração formal e literária de alguns deles com o próprio discurso no seu todo, nomeadamente a elaboração da *cria* e da *máxima*. Não menos significativa é a sua discussão do *encómio*, ao revelar como as diversas partes do panegírico chegaram a integrar o ensino sistemático da retórica. Menandro de Laodiceia é ainda mais explícito e pormenorizado na sua elaboração.

Quantas vezes o aluno universitário ouve do professor que a sua ideia é boa mas não está suficientemente desenvolvida! Essa crítica não a ouviria, por certo, um estudante com formação consumada na arte dos *progymnasmata*. Com exercícios ao nível da *fábula*, da *narração* e *descrição*, o aluno adquire as competências básicas que o habilitam a escrever ensaios narrativos e descritivos. Com exercícios de elaboração tanto ao nível da *cria*, *máxima*, *provérbio* e *comparação*, como ao da *refutação*, *confirmação*, *encómio*, *vitupério*, *tese* e *introdução a uma lei*, ele aprende a arte de comparar e contrastar pessoas, ideias, mitos e outras formas literárias, ao mesmo tempo que desenvolve competências retóricas e dialécticas de raciocínio argumentativo e persuasivo. O resultado final deste acúmulo de competências era, por acréscimo, a aprendizagem das formas básicas da escrita inventiva no âmbito da criação literária. Refiro-me em síntese ao conteúdo dinâmico dos exercícios que a tradição *progymnasmática* consagrou.

¹⁷ Nicolau de Mira foi, segundo Kennedy, provavelmente um dos professores da instituição de educação e cultura que hoje se usa chamar Universidade de Constantinopla, fundada por Teodósio II em 425.

¹⁸ Os *Exercícios Preliminares de Nicolau* são: Prefácio, Sobre a *fábula*, Sobre a *narração*, Sobre a *cria*, Sobre a *máxima*, Sobre a *refutação* e a *confirmação*, Sobre o lugar comum, Sobre o *encómio* e a *invectiva*, Sobre a *comparação*, Sobre a *etopeia*, Sobre a *descrição*, Sobre a *tese*, Sobre a *introdução de uma lei*.

1. FÁBULA

A fábula era uma história de ficção com o objectivo de transmitir uma lição moral. Os estudantes começavam por imitar as fábulas de Esopo reescrevendo-as em estilo simples e directo. Depois expandiam-nas ou abreviavam-nas pondo em evidência a sua moral. Por fim, criavam as suas próprias histórias de modo a transmitirem algum valor moral ou político.

2. NARRAÇÃO

A narração era o relato de uma acção mais ou menos complexa de forma clara, concisa e verosímil. Os alunos reescreviam histórias que colhiam dos textos literários tanto em prosa como em verso. Umhas, mais breves, limitavam-se a relatar um só evento; outras, mais longas, relatavam séries de eventos; mas todas eram objecto de paráfrase e imitação crescentemente inventiva, podendo e devendo alterar-se progressivamente a ordem dos eventos narrados com o possível e desejável acréscimo de descrições e caracterizações. O aluno devia desenvolver com este exercício todas as técnicas de composição narrativa tanto no âmbito da narração completa como no da narração argumentativa, socorrendo-se, no primeiro caso, de todos os factores ou elementos circunstanciais que nela intervêm – pessoa, acção, lugar, tempo, modo e causa¹⁹ – e, no segundo, podendo recorrer às linhas estratégicas de argumentação instruídas noutros exercícios.

3. CRIA

A cria é uma máxima em contexto²⁰. Era, no fundo, um exercício em que o estudante amplificava uma narração breve: a exposição concisa do dito ou feito memorável de uma pessoa célebre, geralmente com o fim de transmitir algum conselho ou um valor útil à vida²¹. A cria simples distinguia-se da narração pelo facto de ser tomada da história e ter uma carga ética de utilidade ou conveniência. A elaboração da cria envolvia o desenvolvimento do dito e/ou feito num breve ensaio moral cujo desenvolvimento obedecia a uma estrutura formal relativamente rígida, instruída por uma série de oito

¹⁹ Os elementos relevantes para a análise completa de uma acção são os que respondem às seguintes questões: Quem? O quê? Quanto? Onde? Como? Porquê? (Téon de Alexandria, 5.1-14).

²⁰ No fundo, era uma máxima atribuída a algum sábio, herói, educador ou outra pessoa célebre, mas inserida numa frase com estrutura formal própria: uma máxima em contexto, isto é, precedida pela referência ao seu autor real ou fictício, e enquadrada na circunstância em que foi proferida. Por exemplo: “Isócrates, estando a conversar com os seus alunos, disse: a raiz da educação é amarga, mas o seu fruto é doce”.

²¹ Rabe, *Hermogenis opera* 6. Cf. Kennedy, “Preliminary Exercises Attributed to Hermogenes”, p. 76.

tópicos de argumentação com a seguinte sequência: encómio – louvor da pessoa a quem o dito é atribuído; paráfrase do dito ou feito; razão ou causa – pela qual a cria se mostra verdadeira; argumento pelo contrário – a afirmação feita na cria é verdadeira, se a contrária também o for; argumento de analogia – com base numa comparação, normalmente tomada do mundo da experiência comum como ilustração de um princípio universal; argumento de exemplo – colhido da história; argumento de autoridade – confirmação pelo recurso final ao testemunho de uma autoridade no assunto; e exortação final – a aplicar a tese comprovada²². A força do argumento aqui expresso resulta da convergência dos vários elementos de prova que nele se entrelaçam: o efeito estético das técnicas de composição utilizadas no seu desenvolvimento temático; a sucessão dos tópicos de argumentação a despertar os valores que as convenções sociais e culturais inspiram; a harmonia como logicamente percepção, experiência e discurso se tecem e concorrem para plasmar os mundos da natureza e da actividade humana pela analogia, os da história e suas instituições pelo exemplo, e os da tradição literária pela citação.

4. MÁXIMA

A elaboração de uma máxima ou provérbio apresenta o mesmo desenvolvimento da cria, mas sem a referência ao autor e à circunstância em que foi proferida. E porque é uma afirmação geral em tese sem referência ao autor, ao exercício de elaboração apenas falta o encómio. Mesmo assim, alguns provérbios podiam-se também prestar para um encómio introdutório, começando-se neste caso por louvar a sabedoria contida no provérbio ou o seu autor hipotético. Umhas máximas são declarativas e outras protrépticas, umas são

²² Rabe, *Hermogenis opera* 7-8. Cf. Kennedy, “Preliminary Exercises Attributed to Hermogenes,” p. 77. Partindo da afirmação de Isócrates sobre a importância da educação – que a raiz da educação é amarga mas o seu fruto doce – Hermógenes ilustra a elaboração de uma cria do modo seguinte: (1) Encómio: “Isócrates era sábio”, e descreve o grau de sabedoria veiculado pelo seu ensino; (2) Paráfrase: “ele disse que...”, e expande a cria reproduzindo-a por palavras suas; (3) Razão: “pois os feitos pais importantes de uma pessoa são os que resultam do trabalho árduo e dão mais satisfação”; (4) Contrário: “pois as coisas banais da vida não se fazem com esforço nem dão grande prazer, mas as realizações mais sérias têm o efeito contrário”; (5) “Pois assim como o agricultor é compensado com o fruto do trabalho das suas mãos, também de igual modo o é quem intensamente investe no culto da palavra”; (6) Exemplo: “Demóstenes, depois de agonizar de trabalho fechado em casa, veio a colher os mais saborosos frutos: coroas e aclamações públicas”; (7) Citação de autoridade: “por exemplo, Hesíodo disse que ‘à frente da virtude os deuses colocaram o suor’; e um outro poeta acrescentou que ‘é à custa das fadigas que os deuses nos vendem os seus bens’”; (8) Exortação: tendo demonstrado que o que Isócrates disse é verdadeiro, “é necessário conduzir o leitor ou o ouvinte a agir em conformidade”.

simples e outras compostas, umas são verdadeiras, outras credíveis e outras mesmo hiperbólicas²³.

Os exercícios até aqui referidos transitaram cedo para as escolas dos gramáticos com o fim de lhes ensinarem as técnicas básicas de composição²⁴.

5. REFUTAÇÃO E CONFIRMAÇÃO

Estes dois exercícios são os primeiros estritamente voltados para a composição ou elaboração das partes de um argumento. O aluno começava por pegar numa narração para provar que ela era falsa ou verdadeira, obedecendo a uma estrutura formal em que já se contemplava uma sequência lógica de próêmio, narração e argumentação. Mas a novidade aqui introduzida eram os tópicos que se deviam usar na busca de argumentos para a refutação e a confirmação; tópicos gerais ou finais de legalidade, conveniência, honra, necessidade, credibilidade, possibilidade, certeza, consistência, propriedade e seus contrários²⁵. Como sublinha Aftónio, todo o poder da arte retórica já está neles embrionariamente presente²⁶.

6. LUGAR COMUM

Se nos exercícios de refutação e confirmação o aluno era induzido a concentrar-se na prova da verdade ou falsidade de uma afirmação, o lugar comum era um exercício de amplificação sobre alguma opinião geralmente aceite. Socorrendo-se das técnicas de argumentação aprendidas nos exercícios anteriores, ele dissertava aqui sobre hipotéticas situações de carácter geral, e não sobre os factos de uma situação concreta; por exemplo, argumentando contra criminosos ou tiranos em geral, ou amplificando as características

²³ Rabe, *Rhetories graeci* 7. Cf. Kennedy, *Progymnasmata*...: Hermógenes, 77-78; Aftónio, pp. 99-110.

²⁴ Uma ideia que, como atrás referi, aparentemente não agradava em absoluto a Quintiliano, mas essa era a prática corrente em finais do século I d.C. Relativamente ao processo de produzir um orador ideal, que então começa com o estudo dos *progymnasmata* sob o *grammaticus* e continua com o *rhetor*, Quintiliano, pelo menos, interroga-se: “Quando deve o aluno começar os seus estudos sob a supervisão do *rhetor*? Ou melhor; “Quando está ele habilitado a fazer a transição de uma escola para a outra? Como que a dizer: Se os alunos não são capazes de escrever de forma clara e correcta, eles ainda não estão em condições de dominar as técnicas de composição e análise literária, devendo desenvolver essa capacidade antes de transitarem para um nível mais avançado de estudos onde aperfeiçoariam as suas competências críticas nas áreas da leitura, da reflexão e da escrita (cf. Quintiliano, *Institutio oratoria* 2.1.7-2.1).

²⁵ Os chamados objectivos últimos ou tópicos finais do discurso oratório; uma lista consistente de valores que, tanto se podiam classificar em função do género do discurso como da sua prioridade lógica e ética. Rabe, *Hermogenis opera* 11. Cf. Kennedy, “Preliminary Exercises Attributed to Hermogenes”, p. 79.

²⁶ Aftónio, *Progymnasmata*, Spengel 2.28. Cf. Kennedy, “Preliminary Exercises of Aphthonius the Sophist”, p. 101.

morais de uma virtude ou de um vício, como preparação para aplicações futuras nas partes mais emotivas do discurso persuasivo, nomeadamente a peroração.

7. ENCÓMIO E INVECTIVA

Ao contrário do lugar comum, que construía a sua linha de argumentação pela amplificação de vícios ou virtudes gerais, estes dois exercícios ensinavam os alunos a compor discursos baseados no louvor ou censura de uma pessoa ou coisa particular com base nas suas boas ou más qualidades e acções. Fazia-se sobretudo o elogio e censura de pessoas, mas não era invulgar fazerem-se também os de cidades, figuras sobrenaturais, animais e coisas. Tão importante era o encómio na antiguidade tardia que a sua estrutura veio a substituir o género demonstrativo do discurso oratório. Nele, como na invectiva, se vieram a consagrar os inúmeros tópicos de argumentação. Téon, por exemplo, enumera trinta e seis tópicos de amplificação encomiástica, de que se referem os seguintes: tópicos de nascimento – nação, língua, genealogia e progenitores; tópicos de educação e realizações – formação, estilo de vida, artes, ofícios e hábitos; tópicos de virtudes: da alma – sabedoria, piedade, justiça, prudência e filantropia; do corpo – saúde, força, beleza e estatura; de vantagens materiais – sorte, riqueza, poder, glória e amigos. Na estrutura dos argumentos que permeiam a narração sobressaem imagens, analogias, testemunhos e exemplos; também o retrato e a descrição.

8. COMPARAÇÃO

A comparação tem claras afinidades com os exercícios anteriores, pois é na prática uma dupla de encómio e invectiva. Como mais um modo de amplificação, este exercício compara semelhanças e diferenças e explora matizes de virtudes e vícios entre duas pessoas ou coisas, para daí fazer doutrina e tirar conclusões. As estratégias de argumentação usadas na comparação são, por isso, as mesmas do encómio e da invectiva.

9. ETOPEIA OU PROSOPOPEIA

Neste exercício de personificação ou caracterização, o estudante é conduzido pelo professor a traçar ou perfilar o carácter da pessoa que pretende caracterizar pelo uso da linguagem mais adequada ao assunto e à circunstância. Com esta técnica de caracterização pretende-se tornar a narração mais vívida. Aftónio definiu este exercício como “imitação do carácter da pessoa proposta”, que tanto serve a causa do historiador como a do poeta e

escritor de ficção; pois, segundo ele, tanto se presta para criar carácter (etopeia), como para criar uma pessoa (prosopopeia) e uma imagem (idolopeia)²⁷.

10. DESCRIÇÃO

A descrição é uma composição que expõe em pormenor o evento, o objecto ou o lugar mostrado e permite a sua total visualização. Requer-se do aluno que neste exercício produza uma descrição elaborada, penetrante e vívida do objecto que retrata na sua composição; pois quer se trate de pessoas, acções, tempos, lugares, estações ou eventos, essa descrição visa de igual modo produzir o efeito de um argumento persuasivo²⁸.

11. TESE

A tese era para os antigos o exame lógico de qualquer tema geral em consideração. Na sua distinção entre tese e hipótese, a hipótese argumenta questões ligadas a pessoas concretas em circunstâncias reais (“nestas circunstâncias, a Maria deve casar?”), e a tese argumenta questões de carácter geral e universal (“Deve uma pessoa casar?”). Não é raro ter de se mostrar em tribunal que a acção em causa se enquadra numa categoria de acções que merecem ser elogiadas ou punidas. A elaboração de uma tese, ou desenvolvimento de um tema em tese confunde-se com a estrutura de uma linha completa de argumentação, e é determinada pela sequência lógica e concertada dos chamados tópicos finais; tópicos de justiça, conveniência, necessidade, possibilidade e propriedade. Relativamente à tese sobre o casamento, por exemplo, o aluno construiria os seus argumentos com base nestes tópicos mostrando as razões por que o casamento é justo, necessário, conveniente, etc.

12. INTRODUÇÃO OU PROPOSTA DE LEI

Ao usarem este último exercício para se treinarem na defesa e ataque de leis existentes ou na proposta de uma nova lei, os alunos enfrentavam a tarefa mais árdua e difícil do seu programa de estudos preparatórios de retórica²⁹. Por um lado, o exercício centrava-se numa de três questões: se a lei estava claramente escrita e era consistente; se a lei era conveniente e justa; se a lei se devia fazer cumprir ou não. Por outro lado, baseava-se numa lista de critérios que qualquer acção deveria satisfazer: critérios de constitucionalidade, legalidade ou consistência; e critérios de justiça, exequibilidade, vantagem, honra e consequência. Além das

²⁷ Rabe, *Aphthonii progymnasmata* 34. Cf. Kennedy, *Progymnasmata...*, p. 115.

²⁸ Rabe, *Aphthonii progymnasmata* 37. Cf. Kennedy, *Progymnasmata...*, p. 117.

²⁹ Escreveu Quintiliano que “o elogio e a denúncia das leis requer o maior investimento de energia e competência; pois quase se igualam às tarefas mais exigentes e sérias da retórica (*Institutio oratoria* 2.4.33).

considerações relativas a cada um destes tópicos, a proposta de lei deveria incluir uma introdução, e a seguir apresentar o chamado argumento contrário.

OS EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS NA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Estudiosos há para quem a arte literária e a eloquência não são coisa que se transmita por um mestre aos seus discípulos, ou que se adquira em resultado de paciente e acurado estudo, nem mesmo algo que se possa justamente alcançar pela adopção de um método rigoroso. Segundo eles, trata-se de um dom que apenas favorece alguns eleitos. Mas não era isso o que já pensavam os gregos da antiguidade. Se há traços que caracterizam a antiga civilização grega, eles são a competência literária, a loquacidade e a facúndia, mesmo nos seus alvares. Basta lermos atentamente a *Iliada* ou a *Odisseia* de Homero para disso ficarmos convencidos³⁰. A arte de persuadir não só era então muito apreciada como também carregava no mundo grego um elevado prestígio social³¹. Foi por isso que bem cedo a oratória grega deu origem a uma cuidada teorização retórica, não raro acompanhada de uma bem conseguida experiência prática. Testemunham-no Aristides e Temístocles, duas grandes figuras da primeira geração da vida democrática ateniense, e logo a seguir o grande Péricles que, graças às suas singulares virtudes de eloquência, governou Atenas por trinta anos consecutivos.

Sendo uma das disciplinas humanas mais antigas e verdadeiramente internacionais, a retórica, à semelhança da gramática, da lógica e da poética, não é portanto uma ciência *a priori*. Como observa Corbett, a *Retórica* de Aristóteles não foi o produto da mera idealização de princípios nascidos com ele e por ele convencionados. Foi, sim, o produto da experiência consumada de hábeis oradores, a elaboração resultante da análise das suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objectivo de ajudar os vindouros a exercitarem-se correctamente na arte da comunicação³².

Sustenta Kennedy que “um dos principais interesses dos gregos foi a retórica”³³. Se é a literatura o nosso melhor veículo de acesso à cultura e civilização gregas, não podemos ignorar que esta literatura foi em larga medida moldada pela retórica. A retórica teve, por

³⁰ Homero era reconhecido na antiguidade como um manipulador exímio da linguagem. Os seus poemas usavam-se com frequência para exemplificar uma imensa variedade de convenções retóricas. Não é, pois, sem razão que um dos maiores educadores da antiguidade o tivesse considerado fundamento e fonte da teoria retórica (Quintiliano, *Intitutio oratoria* 10.1.46; 2.17.8).

³¹ Lawson-Tancred, *Aristotle. The Art...*, pp. 1-2.

³² Corbett, *Classical Rhetoric...*, p. 41.

³³ Kennedy, *The Art...*, p. 3.

consequente, uma origem e uma intenção felizes. Brotou da genial capacidade dos gregos para a expressão oral e inspirou-se no doce sabor da palavra usada com fins persuasivos. Logo que se passou da fase da literatura oral para a sua forma escrita poderia ter-se receado que a linguagem iria perder a sua dinâmica, mas tal não aconteceu. O que verificamos é que a própria épica fez derivar do discurso directo muita da sua vitalidade e realismo. Tanto a *Iliada* como a *Odisseia* estão repletas de conselhos, assembleias, discursos; pois, para o herói, falar bem era tão importante como combater bem³⁴. Leiam-se, por exemplo, os discursos de Ulisses, Aquiles e Fénix no canto IX da *Iliada*, repare-se na riqueza dos seus conteúdos, no encanto estético das suas imagens, na eficácia dos seus argumentos, e na forma como retórica e literariamente se estruturam. Dividido em três partes – proémio, argumentação e epílogo – o discurso de Aquiles³⁵ desenvolve a prova pelo recurso a seis argumentos diversificados e bem estruturados. Ali estão, num só discurso, os modelos matriciais de pelo menos três exercícios retóricos posteriormente inseridos nos cânones da propedêutica retórica³⁶.

Bem próxima da elaboração de uma cria, a estrutura formal do primeiro argumento (9.315-337) tem a configuração perfeita do exercício a que a *Retórica a Herénio* daria o nome de “o argumento mais completo e perfeito”³⁷. Eis a sua estrutura formal: *Proposição*: Nem o atrida nem todos os dânaos me convencerão; *Razão*: já que não se agradece... e a mesma recompensa se dá a quem é ocioso e a quem expõe com risco a própria vida; *Confirmação*: pois se outorga a mesma recompensa ao covarde e ao valente, ao ocioso e ao esforçado; *Simile ou analogia*: como a ave leva a comida aos seus filhotes e dela se priva, também eu...; *Exemplo*: fui acumulando noites a fio sem dormir e sempre combati esforçadamente...; *Amplificação*: conquistei doze cidades por mar e onze por terra; *Juízo de valor*: a estes deu recompensas que eles conservam; eu sou o único que espoliou do melhor bem; *Conclusão*: pois bem, que a guarde e goze o prazer da sua companhia.

³⁴ Veja-se o conselho de Peleu ao seu filho Aquiles, que o confiara aos cuidados de Fénix para este lhe ensinar em simultâneo tanto a arte da palavra como a da acção (*Il.* 9.443-445).

³⁵ *Iliada*, 9.308-429.

³⁶ Embora referido por Corbett como um discurso menos feliz que o de Ulisses, porque “emotionally charged – and, as a consequence, disorganized”, ele se revela, a meu ver, muito bem estruturado e foi seguramente uma das unidades retóricas que inspiraram a teoria helenística dos exercícios preparatórios.

³⁷ “Absolutissima et perfectissima argumentatio”. Apresenta-se elaborada e amplamente exemplificada na *Retórica a Herénio* 2.28-46.

No segundo argumento (338-345), Aquiles reflecte sobre a justiça e a utilidade da guerra pelo recurso a quatro erotemas: (1) Porquê a guerra contra os argivos? (2) Porque trouxe o atrida para aqui os nossos exércitos? (3) Não foi por Helena? (4) São apenas os atridas que amam as suas mulheres? Acaso pensa ele que se pode recompensar um herói com todos esses presentes? Quantas mulheres deixadas viúvas para que um só homem recupere a sua! Depois de uma nova sequência de interrogações e silogismo retóricos (346-377), Aquiles desenvolve um quarto argumento (378-387) mais elaborado para dizer que depois de contemplar a guerra na perspectiva certa, jamais se deixará seduzir pela atracção da honra pessoal. Há agora algo que lhe é mais caro que a riqueza ou a honra: é a própria vida. Trata-se de um silogismo alargado a que Cícero virá a chamar *ratio*; raciocínio com ambas as premissas justificadas: *Proposição* – Quanto aos seus presentes, são-me odiosos e sem valor. Valem tanto como um cabelo; *Prova da proposição* – Pois ainda que me desse dez vezes, ou vinte vezes mais que os tesouros de Orcómeno e Tebas; *Confirmação* – Ainda que me oferecesse tantos talentos de ouro quantos os grãos de areia que há nas praias do mar ou no pó da terra..., nem assim me persuadiria; *Prova da confirmação e conclusão* – Pois, primeiro, terá de me pagar qualitativamente pela amarga humilhação por que me fez passar.

O quinto argumento da prova (388-397) e o último, do epílogo (421-429), apresentam também a estrutura do raciocínio ciceroniano. Mas o sexto argumento (398-420) é uma variante da elaboração de uma máxima ou *cria*, identificado a rigor com o exercício de escola instruído no livro quarto da mesma *Retórica a Herénio*, dito *tractatio*: *Res* – Mais preciosa do que a riqueza é a vida. O meu coração me impele a viver tranquilamente; *Ratio* – Pois a vida tem em si um valor superior ao que nos possa advir da conquista de Troia ou de todos os presentes oferecidos; *Pronuntiatio* – Todos esses bens prometidos se podem adquirir com esforço, trabalho e dinheiro; *Contrarium* – Mas não é possível prender a alma; *Amplificatio* – uma vez deixado o corpo; *Exemplum/iudicatio*: A minha mãe Tétis, a deusa de pés de prata, disse-me muitas vezes que um de dois destinos me espera: ou vida curta com glória, se aqui me detiver a combater; ou vida longa sem glória, se decidir regressar à minha pátria; *Conclusio*: Escolho o regresso a Ílion e vos exorto a fazer o mesmo.

Quintiliano admira sem reservas essa eloquência heróica, reconhecendo nela a própria perfeição da oratória já a desabrochar. Como justamente observa Croiset³⁸, as qualidades essenciais da eloquência grega já são visíveis nesses discursos. É a oratória antes da retórica; o que naturalmente pressupõe uma “pré-retórica” bem anterior à sua definitiva configuração como ciência do discurso.³⁹ O mesmo se passa com os poemas elegíacos e líricos, que se nos apresentam impregnadas de estruturas discursivas de inspiração retórica e intenção persuasiva. Calino dirigindo-se aos seus concidadãos e Safo a Afrodite com fins persuasivos, são disso exemplos bem significativos. Também na tragédia o discurso em forma de diálogo é complementado pelo do coro em forma de exposição. Até mesmo nos documentos históricos os discursos são um constante elemento de animação literária, nomeadamente os de Tucídides. Nos próprios tratados filosóficos o autor recorre com muita frequência ao discurso oratório, tanto para exemplificar o método lógico como para argumentar doutrinas opostas.

A retórica é, por conseguinte, mais do que uma forma mecânica de verbalização ou comunicação. Quando dizemos que ela é a arte de falar bem e a arte de persuadir, a arte do discurso ornado e a arte do discurso eficaz, estamos simplesmente a tentar estabelecer a relação entre duas maneiras de definir a retórica, de ligar o ornamento e a eficácia, o agradável e o útil, o fundo e a forma. Diremos com Michel que o nascimento da linguagem se processa em dois tempos. Primeiro a poesia, depois a filosofia. E a retórica realiza a síntese. De facto, até ao século XIX, o que hoje chamamos literatura era entendido como um ramo da retórica, vista então como a ciência do discurso e da escrita em todos os seus domínios.⁴⁰

Ora os exercícios preparatórios de retórica honram também a visão alargada desse quadro retórico tradicional. Eram exercícios de escola, mas ao mesmo tempo exercícios de criação literária; exercícios que davam uma preparação geral de base ao orador e ao escritor, pois a narração, a criação, a descrição, ou mesmo a comparação o preparavam tanto para elaborar e pronunciar composições específicas de um discurso oratório, como para escrever uma obra literária, fosse ela de história ou ficção, de conteúdo moral, biográfico ou epistolar. É neste sentido que Luciano permanentemente se serve dos *progymnasmata* em qualquer dos géneros literários que cultivou⁴¹. Nos diálogos e na literatura epidíctica, como na comédia, na sátira e na narração, toda a sua obra está impregnada de formas e conteúdos de inspiração retórica. No

³⁸ Croiset, *Histoire...*, vol. IV, p. 12.

³⁹ López Eire, “Sobre las orígenes de la oratoria”..., p. 17.

⁴⁰ Vide White, “The Suppression...”, p. 21.

⁴¹ Cf. Reardon, *Courants...*, pp. 155-180.

gênero demonstrativo predominam a fábula, a narração, a descrição, a comparação, o encómio e o vitupério. No diálogo e na literatura dramática, faz sobretudo evocar a etopeia e a elaboração de uma máxima ou uma cria. Na narrativa e na sátira serve-se sobretudo da narração e da fábula, sem deixar de recorrer aos lugares comuns, à etopeia ou prosopopeia, à máxima, à cria e ao encómio.

A título de exemplo, passo a referir o curioso e surpreendente elogio que Luciano faz das moscas⁴². Seguindo rigorosamente o modelo de elaboração de uma cria, Luciano demonstra a coragem, bravura e instinto de defesa destes insignificantes insectos fundado no modo como eles conseguem escapar aos ardis do seu mais temido inimigo, a aranha. E fá-lo recorrendo a um famoso dito de Homero inserido no elogio do tão celebrado herói Menelau, em cujo coração Atena havia colocado a coragem desse insecto voador⁴³. A sequência literária deste exercício retórico é completa e reproduz em miniatura o quadro de argumentação a que obedece a estrutura do discurso oratório no desenvolvimento integral das três espécies de prova (lógica, ética e patética, ou simplesmente lógica e psicológica): ao proémio corresponde o encómio do autor da cria, extraído da *Iliada*; à narração corresponde a cria e a paráfrase; à argumentação primária ou entimemática correspondem as razões da causa, do contrário e da analogia; à argumentação secundária ou paradigmática correspondem o exemplo e o testemunho de autoridade; e à conclusão corresponde a aplicação final.

Como acabamos de verificar, o sistema retórico de ensino continuou a incluir na Segunda Sofística todos os elementos técnicos de que um escritor precisava. O que a muitos faltava era talvez a inteligência criadora para os manipular, transfigurar e aplicar a outros gêneros literários, mesmo com base num perfeito conhecimento da literatura anterior. Era prática corrente, nas escolas dos sofistas, começarem-se a ensinar os *progymnasmata* aos alunos vindos das escolas de gramática, e introduzi-los a uma leitura crítica amadurecida dos grandes clássicos, antes de os transportarem para uma teoria retórica mais sólida e substantiva. Libânio foi, no século IV, um bom exemplo do mais perspicaz e completo professor de retórica que produzia os modelos literários do seu ensino, e que inspirava

⁴² *Muscae laudatio* 5-12.

⁴³ *Iliada* 17.567-570: “Assim falou Menelau, e a deusa Atena de olhos flamejantes, muito satisfeita por ouvir que o herói a invocava como a primeira entre as divindades, encheu-o de força e nele inspirou a audácia e obstinação das moscas que, mesmo que sejam repetidas vezes afugentadas, voltam a picar, por tanto lhes agradar o sangue humano”. Ver Alexandre, “Importância da cria...”, *Euphrosyne*, pp. 58-59.

declamatoriamente os alunos com os seus próprios discursos⁴⁴. Fiel à corrente aticista, Libânio escreveu como os melhores clássicos, influenciado sobretudo por Demóstenes, Isócrates e Platão. A sua principal actividade como educador foi entretanto ensinar a teoria retórica desde os exercícios mais elementares, e exemplificar os problemas judiciais e deliberativos contidos na declamação. De uma maneira geral, os seus *progymnasmata* e declamações foram muito apreciados, tanto em vida como após a sua morte. Eram geralmente compostos como matéria de ensino e apresentados, quer como modelos aos seus alunos, quer como demonstrações públicas da sua actividade docente. É estimulante compará-lo com Quintiliano, observa Kennedy, pois ambos se preocuparam com a formação integral dos jovens e não apenas com a técnica retórica, e em ambas as escolas era dada muita atenção à leitura dos clássicos e à criação literária⁴⁵. Libânio diz que o seu programa de ensino se baseava em Homero, Hesíodo e outros poetas, em Demóstenes, Lísias e outros oradores, em Heródoto, Tucídides e outros historiadores⁴⁶, seguindo, aliás, a fecundante e longa tradição retórica anterior⁴⁷.

Como justamente sublinha Reardon, a retórica “forneceu a única justificação teórica que existe da produção literária da época, ao mesmo tempo que forneceu também as primeiras armas aos seus praticantes... No princípio, ela não tinha mais que uma função, a de persuadir um auditório... Mas foi tal a força do respeito dos gregos pelos seus antepassados, foi tal a influência da Mimesis sob todas as suas formas, literárias e também culturais, que o quadro retórico se tornou a base da teoria literária”⁴⁸. Embora influenciados pelo poder da retórica, cuja educação tão profundamente os marcou, os cultores da Segunda Sofística

⁴⁴ Nascido em Antioquia, no ano 314, Libânio transferiu-se para Atenas em 336, onde concluiu os seus estudos de retórica. Fixou-se depois em Constantinopla, onde iniciou com assinalável sucesso a sua carreira docente, e transitou em 354 para Antioquia, para rapidamente se assumir nessa escola como sofista oficial. O seu *corpus* reúne 51 declamações, 96 *progymnasmata*, 64 discursos, as *hypotheseis* aos discursos de Demóstenes, e cerca de 1600 cartas. Como assinala Kennedy, a sua vida pode aí dividir-se em três períodos: O primeiro, atingiu o seu clímax no reinado de Juliano e a restauração oficial do paganismo; O segundo, após a morte do imperador em 363, representa um certo apagamento de baixa produtividade; Mas no terceiro, nomeadamente a segunda metade dos anos 80 e e a primeira dos anos 90, ele de novo se afirma como porta-voz privilegiado do paganismo e produtor de grande parte da sua obra (Kennedy, *Greek Rhetoric under...*, pp.151-163).

⁴⁵ Kennedy, *Greek Rhetoric...*, p. 163.

⁴⁶ Libânio, *Epistulae* 1036.

⁴⁷ Ver Pseudo-Longino 9.1-40; Quintiliano, *Institutio oratória* 1.8; 2.10; 10.1-2; Hermógenes, *Categorias de Estilo* 380-413.

⁴⁸ Reardon, *Courants...*, p. 232.

desembaraçaram-se das limitações da teoria e passaram a escrever inventivamente em poesia e prosa para seu próprio deleite dando passos seguros na prática de uma real cultura literária⁴⁹.

Foi tal a vitalidade dos exercícios elementares de retórica nas épocas helenística e da Roma imperial, e tão grande a sua influência sobre as gerações futuras, que este paradigma de ensino retórico, literário e crítico ainda hoje inspira modelos de educação e cultura em muitas escolas ocidentais. Historiadores de retórica como Church contam como a sua experiência no ensino universitário na área dos estudos literários evoluiu de um estado de frustração e desencanto, face ao elevado grau de iliteracia cultural revelado na maior parte dos estudantes, para outro de satisfação crescente com os resultados alcançados por força da implementação de um sistema de exercícios graduados em tudo semelhante ao dos *progymnasmata*. Ao ensinar os seus alunos a ler e pensar criticamente, bem como a escrever de forma clara e correcta com base neste antigo mas relevante modelo de ensino, Church facilmente os conduziu ao ponto de produzirem ensaios académicos de qualidade, na plena convicção de que aquele sistema permanece ainda hoje válido, graças à sua comprovada eficácia no cultivo de todas as competências intelectuais necessárias à consolidação da arte retórica e literária⁵⁰.

⁴⁹ “Ils restent cependant fortement influencés par l’enseignement rhétorique qu’ils ont reçu, et lui sont fort redevables. Mais..., en pratiquant la μίμησις ῥητορικῆ, ils donnent à cette expression-clé le sens... de “culture littéraire” (Reardon, *Courants...*, loc. cit.).

⁵⁰ Church, “Progymnasmata: Using Ancient Assignments...”, pp. 1-6. Cf. D’Angelo, *Composition...*; Crowley, *Ancient Rhetorics...*, pp. 281-331; Murphy, *A Short History...*; Woods, “Quintilian and Medieval Teaching”..., pp. 153-1540.

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre Júnior, Manuel, *Hermenêutica Retórica: Da Retórica Antiga à Nova Hermenêutica do Texto Literário*, Lisboa: Alcalá, 2004.
- Alexandre Júnior, Manuel, “Importância da Cria na Cultura Helenística”, *Euphrosyne* 17 (1989), pp. 58-59.
- Bonner, Stanley, *Education in Ancient Rome from the Elder Cato to the Younger Pliny*, Berkeley: University of California Press, 1977.
- Butts, James R. (ed.), *The ‘Progymnasmata’ of Theon: A New Text with Translation and Commentary*, Dissertation, Claremont Graduate School, (microfilme), 1986.
- Church, A. P., “Progymnasmata: Using Ancient Assignments for Creative Thinking, Reading and Writing”, <http://gemini.utb.edu/achurch/progymnasmata.html>, 09.02.2005, pp. 1-17.
- Croiset, Alfred et Maurice, *Histoire de la littérature grecque*, 5 vols., Paris: E. de Boccard, 1887-1928.
- Crowley, Sharon and Debra Hawhee, *Ancient Rhetorics for Contemporary Students*, Needham Heights, MA: Allyn and Bacon, 1999.
- D’Angelo, Frank, *Composition in the Classical Tradition*, Needham Heights, MA: Allyn & Bacon, 2000.
- Felten, Joseph (ed.), *Nicolai Progymnasmata*, Leipzig: Teubner, 1913.
- Foerster, Richard (ed.), *Libanii Opera*, 12 vols, 1903-1922, Hildesheim: Olms, 1963.
- Henderson, Ian H., “Quintilian and the Progymnasmata,” *Antike und Abendland* 37 (1991), pp. 82-99.
- Hock, Ronald F., and Edward N. O’Neil (eds.), *The Chreia in Ancient Rhetoric: Volume I. The Progymnasmata*, Atlanta: Scholars Press, 1986.
- Kennedy, George A., *The Art of Persuasion in Greek*, Princeton: Princeton University Press, 1963.
- Kennedy, George A., *Classical Rhetoric and Its Christian and Secular Tradition from Ancient to Modern Times*, second edition, Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1999.
- Kennedy, George A., *Greek Rhetoric under Christian Emperors*, Princeton: Princeton University Press, 1983.
- Kennedy, George A., *A New History of Classical Rhetoric*, Princeton: Princeton University Press, 1994.
- Kennedy, George A. (tr.), *Progymnasmata: Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric*, Writings by or attributed to: Theon, Hermogenes, Aphthonius, Nicolaus, together with: An Anonymous Prolegomenon to Aphthonius, Selections from the Commentary attributed to John of Sardis, and Fragments of the Progymnasmata of Sopatros, Atlanta: Scholars Press, 2003.
- Kustas, George, *Studies in Byzantine Rhetoric*, Analecta Vlatadon 17; Thessaloniki: Patriarchal Institute for Patristic Studies, 1973.
- Lawson-Tancred, H. C. (tr.), *Aristotle. The Art of Rhetoric*, London: Penguin, 1991.
- Lopez Eire, Antonio, “Sobre las orígenes de la oratória”, *Minerva* 1 (1987), p. 17.
- Martínez, Maria Dolores Reche (tr.), *Teón, Hermógenes, Antonio: Ejercicios de Retórica*, Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- Morgan, Teresa, *Literate Education in the Hellenistic and Roman Worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

- Murphy, James J., *Synoptic History of Classical Rhetoric*, 3rd edition, Mahway, NJ: Hermagoras Press, 2003.
- Nicolau, o Sofista, “The Preliminary Exercises”, in *Progymnasmata: Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric*, translated by George A. Kennedy, Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.
- Patillon, Michel, and Giancarlo Bolognesi (eds.), *Aelius Theon: Progymnasmata*, Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- Patillon, Michel (tr.), *Hermogène: L’ Art Rhétorique. Exercices préparatoires, États de cause, Invention, Catégories stylistiques, Méthode de l’habilité*, Paris : L’Age d’homme, 1997.
- Patillon, Michel, *Progymnasmata: La théorie du discours chez Hermogène le rhéteur. Essai sur la structure de la rhétorique ancienne*, Paris: Les Belles Lettres, 1988.
- Rabe, Hugo (ed.), *Aphthonii Progymnasmata*, Leipzig: Teubner, 1926.
- Rabe, Hugo (ed.), *Hermogenis Opera*. Leipzig: Teubner, 1969.
- Rabe, Hugo (ed.). *Ioannis Sardi Commentarium in Aphthonii Progymnasmata*, Leipzig: Teubner, 1928.
- Rabe, Hugo (ed.), *Prolegomenon Sylloge*, Leipzig: Teubner, 1931.
- Reardon, B. P., *Courants littéraires grecs des IIe et IIIe siècles après J.-C.*, Paris : Les Belles Lettres, 1971.
- Spengel, Leonardus (ed.), *Rhetores Graeci*, 3 vols., Leipzig: Teubner, 1854-1856. Vol. I, pt. 2, reedited by Caspar Hammer. Leipzig: Teubner, 1894.
- White, Hayden, “The Suppression of Rhetoric in the Nineteenth Century,” in *The Rhetoric Canon*, Detroit: Wayne State University Press, 1997.
- Walz, Christian (ed.), *Rhetores Graeci*, Vol. I, Stuttgart: Cottae, 1832-1836. Reprinted, Yamuza, Emilia Ruiz, “Hermógenes y los *Progymnasmata*: Problema de autoría”, *Habis* 25 (1994), pp. 285-295.
- Woods, Marjorie C., “Quintilian and Medieval Teaching”, *Quintiliano: Historia y Actualidad de la Retórica: Actas del Congreso Internacional “Quintiliano: historia y actualidad de la retórica: XIX Centenario de la ‘Institutio Oratoria’*. Ed. Tomás Albaladejo, Emílio del Rio, and José Antonio Caballero. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1998. III, pp. 1531-1540.

Resumo:

Os antigos cultores das artes retórica e literária entendiam que os grandes oradores e escritores se fazem em resultado de uma dedicação constante ao estudo e ao exercício prático, pois tinham a clara consciência de que não lhes bastava nascer com esse dom ou aptidão natural. A cultura regular da expressão oral e escrita era para eles tão importante que figuras como Cícero afirmaram realizar exercícios retóricos todos os dias (*Brutus* 310) e ao longo da vida inteira.

Desde bem cedo que os professores de retórica acompanhavam os seus alunos na prática de exercícios de dificuldade crescente com o fim de neles desenvolverem competências de oralidade e escrita na arte da comunicação: primeiro, pela tradução, paráfrase e imitação da obra dos melhores autores; segundo, pela elaboração de fábulas, narrações, crías, provérbios, comparações, descrições e caracterizações; terceiro, pela composição de linhas de argumentação mais complexas como refutações, confirmações, lugares comuns, encómios e invectivas; e, por fim, pela composição elaborada de exercícios de retórica deliberativa e forense como teses e introdução de leis. Estes *progymnasmata* foram sistematicamente praticados nas escolas da antiguidade greco-romana e determinaram o rumo da educação retórica e literária na Europa até ao século XVII.